

OS “QUADROS VIVOS” DA SEMANA SANTA DE CORINTO (MG): TEATRALIDADE, PERFORMANCE E FÉ NA PERSPECTIVA DOS ATORES

Giselda Shirley da Silva¹
Maria de Lourdes de Aguiar Ferreira²

Resumo: Este objeto de pesquisa versa sobre histórias orais da teatralidade da Semana Santa realizada na cidade de Corinto-MG nas encenações dos “Quadros Vivos”. É um estudo embasado nas histórias orais de quatro atores que vivenciaram e vivenciam por meio da performance a Paixão e Morte de Cristo. Objetivou-se registrar como foi e com quem tiveram início, assim como quais os significados sentimentais e as contribuições dos Quadros Vivos para a identidade pessoal dos atores, cujas performances centram(ram) no papel de Cristo e na teatralidade dos Quadros Vivos presentes na cultura de Corinto. Para a elaboração do estudo buscou-se fundamentos nos estudos de Costa (2014), Delgado (2003), Thompson (1992), Silva, Gonçalves, Silva (2011), Almeida (2009), MEIHY (2014), Paiva (2006) e Araújo (2006), pois percebe-se como impossível se compreender os Quadros Vivos no presente, se não conhecermos seu passado.

Palavras-chave: Corinto. Semana Santa. Quadros Vivo. Teatralidade. Performance

Abstract: This research object is about oral histories of the theatricality of Holy Week held in the city of Corinto-MG in the scenarios of "Living Pictures". It is a study based on the oral histories of four actors who lived and lived through the performance of the Passion and Death of Christ. The objective was to record how and with whom they began, as well as the sentimental meanings and contributions of the Living Boards to the personal identity of the actors, whose performances center on the role of Christ and the theatricality of the Living Boards present in the culture of Corinth. For the elaboration of the study, it was sought the foundations of the studies of Costa (2014), Delgado (2003), Thompson (1992), Silva, Gonçalves, Silva (2011), Almeida (2009), MEIHY (2014), Paiva and Araújo (2006), because

¹ Mestre em História pela UnB, Doutoranda em História pela Universidade de Évora- Portugal. Especialista em História do Brasil pela PUC - Minas, Especialista em Educação a Distância pela Faculdade FINOM, Graduada em História pela Faculdade FINOM. Pesquisadora integrante do CIDEHUS- Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades. E-mail: giseldashyrley@hotmail.com.

² Mestra em Educação pela Universidad Evangélica Del Paraguay, revalidado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina – FAFIDIA; Especialista em Letras pela Faculdade de Filosofia de Passos; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP; Especialista em Metodologia do Ensino e Tecnologia para Educação a Distância pela Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP; Graduada em História pela FINOM. E-mail: mlourdesfcjp@hotmail.com – lurdinhaaguiar1@gmail.com

Recebido em 30/04/2019
Aprovado em 11/05/2019

it is perceived as impossible to understand the Living Tables in the present, if we do not know its past.

Keywords: Corinth. Holy Week. Vivid Pictures. Theatricality. Performance

1. INTRODUÇÃO

Com o ganhar de um novo ano de vida, vamos adquirindo experiências e com estas outras vão se fazendo necessárias em nossas vidas de acordo com o contexto que estamos inseridos.

As necessidades surgidas, em algum ponto, estão ligadas ao passado, visto que o que somos e o que pretendemos ser são frutos da afirmação da nossa identidade, as quais têm suas bases fincadas em um determinado tempo - infância, adolescência, juventude - que por sua vez foram vivenciadas em um determinado espaço - cidade, zona rural, aldeia. Assim, não há como seguirmos para o futuro sem estabelecermos conexão com nossas raízes.

Tudo o que um dia foi criado, mesmo que tenha por algum tempo ficado adormecido em algum lugar da memória um dia vem à tona, e toma um significado diferente, passa a ser percebido como contribuinte para a formação da identidade, e na reconstrução das lembranças do vivido

Tudo no mundo se transforma, passa do estágio inicial da criação para o aperfeiçoamento, aprimoramento, no entanto sempre volta às nossas lembranças o ponto de partida, o passado de situações vividas que não queríamos que tivesse se transformado, mesmo que anteriormente quiséssemos mudanças, diversificações. Quando se trata de lembranças da nossa infância ou adolescência então, bate o saudosismo e a vontade de voltar no tempo, o que só é possível por meio da oralidade e das imagens, ou seja, dos signos resultantes dos significantes e significados já vividos. E assim vamos construindo nossas histórias e contribuindo para a história de outrem.

E são vários signos que nos trazem recordações, que nos fazem enveredar para o passado num misto de alegria e saudade. Alguns desses signos são os que apresentaremos aqui: “Quadros Vivos”, “Semana Santa”, “Corinto”. E quando se trata da cultura de uma população, esta pode ser retratada de diversificadas maneiras: livros, imagens presentes nos arquivos particulares ou públicos que não a deixa morrer, pois são várias as indagações surgidas sobre a construção de uma história: Quando e quem foi(ram) o(s) precursor(es) dos “Quadros Vivos” da cidade de Corinto-MG?, Por quê o nome Quadros Vivos?, Quais foram

as pessoas que já participaram das encenações e quais os papéis que representavam?, Quais as contribuições da atuação nos Quadros Vivos para os atores?; Na percepção dos atores entrevistados, essa cultura contribui para a identidade da cidade?.

Este estudo teve como objetivo registrar as memórias de atores que encenaram o papel de Cristo nos “Quadros Vivos” apresentados no período da Semana Santa de Corinto - MG sobre quando tiveram início, com quem, e suas percepções sobre a teatralidade e performances desse período santo.

É uma pesquisa de cunho qualitativo, visto que não terá a preocupação de quantificar dados e sim apresentar a história oral, que de acordo com (THOMPSON, 2002) “[...] pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre jovens e idosos, ou seja, entre gerações.

Assim sendo, utilizamos o método da história oral temática, cuja abordagem Bourdieu (1997, p. 704) [...] aponta ser considerada como uma forma de exercício espiritual visando a obter, pelo esquecimento de si, uma verdadeira conversão do olhar que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida” e que segundo Meihy “é aquela em que nós temos um tema central e as entrevistas endereçam ao desenvolvimento desse tema”. A entrevista temática propicia ao entrevistado o exercício da memória, olhar para os anos passados e ao passo que for revivendo o que passou possibilitará o entrevistador compreender também o fato passado e ambos se ligados pelos mesmos sentimentos compreenderão a si e ao outro.

Para a realização da entrevista foi usado o aparelho de celular para gravar as memorizações, que foram posteriormente transcritas, de cinco atores dos “Quadros Vivos”, estes que atuaram e atuam representando o papel de Cristo. A escolha pelos cinco atores para responderem as entrevistas, justifica-se pelo fato de dois já terem falecido, um devido estar com mal de Alzheimer e os demais por questões pessoais. A cada entrevistado demos a inicial “C” seguido da quantidade das entrevistas, ficando assim denominados: C 1, C 2, C 3, C 4, C5.

A história do início dos Quadros Vivos não pode ser enterrada com aqueles que já se foram ou com os que irão, carece de produção historiográfica que a contemple, de registro por meio da escrita. Não pode se perder no tempo, tem-se que registrar quem foram seus precursores, os ensinamentos, a troca de experiências tanto daquele que ao mesmo tempo que atua(ram), assiste.

SILVA, GONÇALVES, SILVA (2011, p 12) corroboram:

História e memória são constituídas do passado que vão além do individual, perpassa pelo coletivo partilhado no cotidiano e no seio da sociedade. Ancora-se nas experiências individuais e coletivas e descortina-se à medida que são realizadas as conexões, as lembranças(...).

É a experiência de quem já viveu na prática e de quem assistiu, é uma forma de conectar o mundo atual ao que já se passou, mas permanece vivo nas ações e performances ainda realizadas.

2. Corinto: Centro Geográfico do Estado de Minas Gerais

Antes de conceituarmos os Quadros Vivos, vemos como relevante apresentarmos o espaço a que ele pertence, a Cidade de Corinto-MG.

O pequeno povoado, citado por João Guimarães Rosa em sua obra “Grande Sertão Veredas, [...] no Currálinho, decorei gramática, as operações, regra-de-três, até geografia e estudo pátrio. Em folhas grandes de papel, com capricho tracei bonitos mapas”. (ROSA, 2001, p.30), localizado entre o Rio das Velhas e o Alto São Francisco, com casas de adobe ou taiba, cobertos de palha aqui, acolá, cujo transporte era os próprios pés ou por meio de cavalos, acolhia tropeiros como tantos dos currais dos caminhos de Minas, como aponta (PAIVA, 2006, p 11) “Sabe-se que no início do século passado, a região onde se situa nossa cidade, era uma espécie de pouso de condutores de gado, daí advindo o nome dado ao arraial que surgiu às margens do córrego de semelhante denominação”, como era o começo de toda cidade no início do século passado.

No final de 1905 com a chegada dos trilhos da ferrovia Central do Brasil, (PAIVA, 2006, p.27-8) [...] 15 de março de 1906, o primeiro trem foi o maior acontecimento de todos os tempos na região e seria o marco do progresso e desenvolvimento da futura Corinto". Criase nessa data a Estação Ferroviária e Currálinho torna-se um entroncamento com quatro ramais: para Belo Horizonte, Diamantina, Pirapora e Montes Claros. Ganhou uma oficina e depósito de locomotivas elétricas e a diesel, passando a ser sede de residência da via permanente, centro seletivo e abastecimento.

Tal desenvolvimento juntamente com a Lei Estadual nº 556 fez mudar, em 20 de julho de 1924, o pequeno povado Currálinho, com a doação de terras feita pelo Coronel Ricardo, para a denominação de Corinto, nome dado pelo tipógrafo e jornalista Antônio Marta Pertence. “A povoação de Currálinho floresceu e veio se transformar em cidade, com a passagem da Estrada de Ferro Central do Brasil”, Corinto com “localização geográfica

privilegiada, merece um destaque: é o centro geográfico de Minas Gerais, na altitude de 608 metros, no paralelo 18°21'51" S e o meridiano 44°27'08", Oeste (W. Gr.), a partir da Estação Ferroviária" (LIMA, 1998, p. 147). Corinto é parte integrante da região do Médio Rio das Velhas, na zona do Alto São Francisco. Com cerca de 23.914 Habitantes de acordo com IBGE de 2010 com estimativa de 24.384 em 2017 localiza-se no centro-norte do estado e "estando a sua sede municipal localizada a uma distância de 205 km, por rodovia, de Belo Horizonte, (...)"(PMSB CORINTO. 2014, p. 50).

De acordo com Lima (1998, p. 9) A história de, Corinto, pelo menos em seu início se confunde com a história de toda a região [...]. A diferença estava no soar do apito quando à chegada/partida dos trens e para marcar a entrada e saída dos ferroviários e operários do "depósito" como era chamada a oficina, cujos profissionais exerciam os cargos de engenheiros, técnicos, enfim de toda classe operária.

O apito da "Central", ferrovia, que marcava o horário de começo e saída do trabalho pontualmente às 6h.30min., 6h:45min., 7h, 11h, 11h45min., 12h e às 16:30, "Todos aguardando o sinal do sino da Estação, [...], que levava milhares de pessoas para aqueles locais" (PAIVA 2006, p. 159), marcava também para alguns o momento de dirigirem-se para a escola, de irem trabalhar e para as crianças de poderem brincar.

A ferrovia atraiu para Corinto um enorme contingente de trabalhadores, estimulando o comércio, artesão, diversificadas prestações de serviços, educação e religião trazendo assim rápido crescimento. "A Central do Brasil foi tudo para nossa cidade, a responsável por tudo que ali aconteceu na primeira metade do século que se foi." (PAIVA, 2006, p. 12). Além da Central do Brasil, os frades franciscanos também contribuíram para a formação da cidade. "Outro fato relevante no antigo povoado entre os anos 10 e 20 do século passado, (...) refere-se justamente à entrega de Currealinho e toda a região aos cuidados dos frades franciscanos, a maioria deles de nacionalidade holandesa, na data de 9 de julho de 1916" (PAIVA, 2006, p. 41). Crescia não somente permeada pelo coronelismo, período histórico que aqui não discutiremos, como também com a contribuição dos Frades Franciscanos.

Os frades franciscanos, a maioria vinda da Holanda como aponta Paiva (2006, p.42), "Foi uma dádiva para toda a região a chegada dos religiosos holandeses e Corinto, principalmente, foi extraordinariamente beneficiada com o acontecimento que abriu caminho para o desenvolvimento do povoado" muito contribuíram para o crescimento da cidade,

principalmente com a introdução da teatralidade por meio das performances dos atores nos Quadros Vivos.

3. A Teatralidade e a Performance

A teatralidade num primeiro instante remete-nos teatro ou ao que é apresentado no teatro e o é, “a identificação (quando é produzida pelo outro) ou a criação (quando o sujeito a projeta sobre as coisas) de um outro espaço, espaço diferente do cotidiano, criado pelo olhar do espectador que se mantém fora dele” (FÉRAL 2015, p. 86), ela acontece quando há a identificação do que se está apresentando ou o que é projetado daquilo que se vê, é o estar dentro e fora da situação performática.

Luz (2013, p. 130) corrobora dizendo que “teatralidade é o instinto humano de transfigurar o real, de se opor às imagens recebidas, transformando as aparências naturais em algo novo, distinto”, no que se concorda, já que uma representação não é o real, é sim a simulação verossímil dada pelo ator/performista a partir de sua interpretação, do seu olhar sobre o que foi real.

A performance, segundo Gonçalves (2004, p. 76), “é uma expressão artística em que o corpo é utilizado como um instrumento de comunicação que se apropria de objetos, situações e lugares - quase sempre naturalizados e socialmente aceitos - para dar-lhes outros usos e significações”. Assim são as performances dos Quadros Vivos de Corinto-MG. Expressões de arte que interagem silenciosamente com os expectadores e estes vão se apropriando das passagens bíblicas, “[...] para dar-lhes outros usos e significações e propor mudanças nas formas de percepção do que está estabelecido” (GONÇALVES,2004, p.88). Uma apropriação que conduzirá os caminhos de muitos que as assistem e dos que enecenam em meio a perplexidade dos atos e reafirmação da fé, seguindo a tradição do teatro medieval que se dividia em teatro religioso e teatro profano, escolhendo para tal a concepção religiosa.

4. A teatralidade e as performances nos Quadros Vivos de Corinto – MG na perspectiva dos “Cristos”

A teatralidade dos Quadros Vivos de Corinto - MG são as memorizações da morte e vida de Jesus que fazem parte da cultura identitária de Corinto, porém ainda não se tinha escrito nada sobre elas, por isso não se tem com exatidão a data de seu início. Na memória

dos participantes deste estudo as datas são contraditórias e como afirma Pesavento (2004, p. 16), “*o que já foi contado, pode ser contado novamente de de outra maneira, assim como o que presenciamos poderá ter ser narrado de outras maneiras no futuro*”. Fatores que dependem da importância que uma pessoa, um objeto, momento ou espaço tem para cada um.

O significado do termo Quadro Vivo foi assim esclarecido pelos entrevistados:

Na época da semana santa, o povo rezava acompanhando os quadros da via sacra que ficavam na igreja. Quando os freis resolveram a fazer o teatro, colocou então o nome de Quadros Vivos, porque os quadros teriam vida com os atores que iam representar a morte e ressurreição de Jesus. (C 1)

A denominação de Quadro vivo se dá por questão natural da língua, pois na igreja antiga tinham quadros que retratavam a vida pública de Jesus, assim como a paixão de Jesus, vivida pelo Habib da Galileia, claro que naturalmente aqueles quadros foram apresentados ao vivo, assim hoje tem quadro vivo. Os quadros pintados, cantados e decantados ao longo da história, a partir daquele momento seriam encenados. (C 2)

Antigamente, a Semana Santa de Corinto era apresentada por imagens, até hoje nós temos o do Cristo crucificado. Ai passou para Quadro Vivo porque passou a ser com personagem viva. Por isso veio os Quadros Vivos de Corinto. (C 3)

Assim conceituado pelos entrevistados, os Quadros Vivos fazem parte da cidade “a partir de 1943 [...] com o titular Frei Helano, realizou um belo trabalho, destacando-se naqueles tempos as comemorações da Semana Santa com a introdução dos quadros vivos” PAIVA (2006, P.189) , contudo os atores assim colocam:

Eu tinha 16 anos quando comecei a fazer o papel de Cristo, hoje tenho 103 anos, foi mais ou menos em 1930, mas antes de mim teve o Frei Canísio, ele que representava o papel de Cristo. Então os Quadros Vivos tem uns 90 anos. (C 1)

Teve início na década de 50 com os franciscanos, com Frei Canísio, lembro-me claramente das pregações eloquentes de Frei Antelmo, Frei Hipólito, quando os quadros eram realizados nos fundos da Igreja Matriz. O primeiro Cristo foi o Frei Canísio, o segundo Marcos Viana (C 2)

As performances dos Quadro Vivos apresentadas pelos entrevistados divergem uma da outra, assim como diverge da apresentada por Paiva (2006, p.189). Para Villarinho (2017, p. 67) “cada um apresenta o que se tem na memória e o princípio da memória é a conservação do passado, que sobrevive através das lembranças evocadas no presente”. A memória evocada no presente traz divergência, pois cada um se lembra da data que foi relevante para si, desta

forma, muitos fatos passados, mesmo que se tratando de um mesmo tema, virão de formas diversificadas, dependerá de seu narrador. O escrito por Paiva, também, diverge da memória dos atores. Todos apontaram Frei Canísio como precursor dos “Quadros Vivos”.

Durante a trajetória dos Quadros Vivos, vários foram os lugares de sua apresentação.

Os Quadros Vivos começaram lá perto da Matriz Santo Antônio, perto do grupo escolar. Lá nesse local era onde tinha o cemitério, depois com a construção da igreja eles pararam, com o cemitério, encerrou lá. Depois passou para a porta da Matriz de Nossa Senhora. (C 1)

Muitos não têm conhecimento de quando e onde começaram as encenações dos “Quadros Vivos”, somente aqueles que delas fizeram parte ou daqueles que estavam envolvidos por meio de familiares ou por devoção à igreja.

C1 atuou no primeiro espaço escolhido para encenações dos “Quadros Vivos” e desde então eles já passaram por diversos lugares até chegar no lugar que hoje são apresentados. Berthold (2010, p. 6) afirma que “*O teatro, [...] pode ser encontrado onde quer que as pessoas se reúnam [...]. Isso é verdade, independentemente de a magia acontecer num pedaço de terra nua, numa cabana de bambu, numa plataforma ou num moderno palácio de multimídia de concreto e vidro*”. Independente do local, as encenações dos Quadros Vivos vem alimentando a fé da população.

Através de seus atores, com suas performances, rememorizando a Paixão e morte de Jesus, os franciscanos buscavam na religiosidade despertar o amor ao próximo, a união da cidade que iniciava, pois segundo Freitas (1953, p. 25) “a chegada dos trens à estação é espetáculo de maior realce cotidiano e o que empresta mais vida à localidade. [...]; ali se ajustam as contas de todos os agravos; ali se exibem os D. Juans e os valentes [...] o que pode ser confirmado com a fala do ator (C 1) “Quando os Quadros Vivos começaram meu pai trabalhava para o Coronel Ricardo Gregório de Souza, tinha muita morte, o filho dele mesmo morreu assassinado, era muita briga.” Pode-se considerar que os primeiros evangelizadores do Brasil foram os franciscanos”, estando em uma cidade, onde reinava a violência, o papel dos franciscanos era o de “domar” essa população por meio do discurso religioso. Era pregar a moral e os bons costumes segundo as leis de Deus.

Para (C 2) “*A questão da Semana Santa em Corinto e todos aspectos extremamente positivo religioso deve-se aos franciscanos. Corinto é uma cidade que cresceu sob a égide dos franciscanos e muita coisa boa foi plantada, e muita coisa boa aconteceu.*” Os

franciscanos perceberam que através das encenações, vivenciando o sofrimento de Jesus, pregando a palavra do Mestre, ludicamente sensibilizariam os mais violentos e catequizariam todos que ali passaram a viver.

Os Quadros Vivos é uma cultura de Corinto, porque quando ela surgiu aqui na região não tinha. Não tem nem comparação com a Semana Santa de hoje, era tão famosa que chegava na época da semana santa vinha a Rede Globo, vinha outras emissoras, naquela época tinha a Secretaria Setur, ela fazia divulgação para toda Minas Gerais. Nós tínhamos gente aqui de Cuiabá, Mato Grosso, do Sul que vinha com prazer assistir os Quadros vivos de Corinto. Ia assistir umas 7, 8 mil pessoas, hoje não vai nem duas mil pessoas. (C 4)

Com a aceitação dos Quadros Vivos, o evento foi crescendo e levando para a cidade muitos visitantes para assisti-los. O que antes era apenas para evangelizar, para minimizar os atos violentos, passou a ser uma atração turística. Passou a ser um mundo fantástico para os atores que vão de uma personagem a outra, de acordo com a necessidade, causando encantamento.

Eu comecei por influência de um padre, ele era diretor de teatro na Holanda, ele prepara e escolhia os atores, eu fui escolhido, Era muita emoção, a gente não sabe nem decifrar o que a gente sente. Nós tínhamos quarenta dias de preparação e essa preparação nossa não preparação só de palco não, tinha a reflexão. (C 3)

Até uns vinte anos atrás eu ainda trabalhava nos Quadros Vivos . No quadro vivo a gente fazia todo tipo de papel, a gente fazia encenações de figurantes, assim que a gente começa, com pequenos papéis e vai chegando no treinamento, claro, até um papel mais alto, alto que eu digo assim, que exige mais do ator. Eu já fiz figurante, soldado, cristo, já fui apóstolo, já fui ladrão. Coincidência, não é? Cristo e ladrão ao mesmo tempo. (C4)

Eu comecei a trabalhar na semana santa em 74, logo criamos o grupo teatral Palavra que sai do JUNC, Juventude Unida em Cristo, coordenado pela Ir. Maria Antônia e Frei Edvaldo, dois grandes apóstolos em Cristo. Eu não gosto de rodeios não, claro que a vaidade ela existe, Pedro Trindade morreu, Emanuel Conceição Guerra, nosso popular Necão, assumiu, fez isso por muitos anos e a primeira vez vi-me na obrigação, por uma discórdia entre os participantes. Antes, com Pedro Trindade eu era o apóstolo Mateus. Do apóstolo Mateus, com Necão virei-me ladrão, (ainda bem que o ladrão bom). A via sacra acontecia somente aqui dentro da cidade, de algumas ruas aí eu sugeri que a levássemos para o morro do Calvário, ou do Carvalho, foi quando a via sacra ficou mais piedosa, querendo ou não mais sofrida para os atores para aqueles que acompanhavam, nós víamos as senhoras com os rostinhos de fato piedosos. (C2)

Particpei em diversos papéis durante muitos anos em nossa cidade. Fui João apóstolo, cego, alguns personagens no Antigo Testamento, Guarda Romano

de Palco e nos últimos 4 anos encenei como o Cristo – personagem esse que era meu sonho um dia atuar! No papel de Cristo especificamente, procurei retratar de acordo com os estudos que fiz do personagem através de estudos bíblicos, filmes, análises de imagens... Muito falam do Pedro que encenou mas não tive o prazer de assistir sua atuação. Mas muitos falaram que o substitui a altura (C5)

Para os atores não importava o papel que iriam apresentar e sim transmitir a mensagem da memória das Igrejas. Para Araújo (2006, p. 45) “Nunca um ator entra no palco à toa, ele sempre estará a serviço de uma narrativa, uma ideia, um sentimento, um personagem. [...] O nada não existe no teatro, pois até o nada é um nada cheio de significado.” Independente do papel, cada ator está ali em cena para transmitir uma mensagem, por acreditar que ela sensibilizará o outro e encenar a vida de Cristo é acreditar que algo mudará naquele que presencia.

A finalidade de tudo, do Quadro Vivo, é a passagem da palavra, ela tenta transmitir algo. Ninguém vai perguntar quem é Jesus, a gente apenas tenta passar a palavra a cada ano para que a população jamais se esqueça do que aconteceu. Tudo é passado pela crença, pela fé, não é apenas um ritual. A gente fica muito feliz quando faz uma encenação, eu me lembro de quando eu fazia que dependendo da cena, a gente via expectador se emocionando nas cadeiras, isso mostra que a gente passava a palavra. (C 4)

Pode-se perceber nas palavras do entrevista C4 que há a preocupação em perpetuar o sofrimento de Cristo e por meio dele a reflexão da existência humana, creem não apenas no que foi vivido por Jesus, mas também procuram transparecer suas renças por meio de suas performances para que os expectadores sintam de fato que o estar vivo é graças ao sofrimento Dele, percebem como necessário que se tenha convicção, que se coloque verdade, que a fé aflore não apenas pelo que se ouvi da Igreja, mas fé no que está sendo apresetando e quando a verdade é percebida tem-se o objetivo alcançado.

Os “Quadros Vivos” podem ser divididos em dois momentos para os atores:

A Semana Santa de Corinto tem dois momentos o momento franciscano e o momento diocesano, por isso hoje a gente sente a falta da fé, da piedade da humildade, do tratar o elemento que procura a igreja. É diferente. Os franciscanos na questão da fé, da piedade, da humildade, do tratar o elemento que procura a igreja. É diferente. Diosezano, a forma dele se portar na igreja, nas pregações é muito diferente daquilo que era feito pelos franciscanos, ele se envolviam na Semana Santa. (C 2)

Antigamente era fora de série, não tem nem comparação com a Semana Santa de hoje, antigamente nós conseguíamos levar até sete mil, nove mil pessoas no Morro do Calvário, acompanhando a Via Sacra, hoje se você vê, não chega nem dois mil. O povo tinha uma devoção. Chegava até cinco

horas, seis horas da tarde, o pessoal já estava lá na praça para assistir aos Quadros Vivos. (C 3)

Aqui foi a cidade pioneira a encenar com personagens humanos nas passagens bíblicas, inclusive no descendimento da Cruz. (C5)

Antigamente a participação da população era mais frequente nos Quadros Vivos. Eu mesmo acho que há uma discordância. Eu não concordo com os Quadros Vivos como é hoje, por exemplo, hoje, quando chega o Domingo de Páscoa, nós temos missa em cima do palco. Não que esteja errado. Como católico eu vejo que o Quadro Vivo deve ser encenado para toda a população de Corinto, seja católico, seja evangélico, espírita, não para a comunidade católica, por isso acho que com isso perdeu muito expectadores. No meu tempo como amigos todos, de pastores, evangélicos. Eu lembro que sempre havia os bloquinhos de todas as religiões assistindo os Quadros Vivos, hoje não existe mais. Houve interferência de alguma coisa católica que acontece dentro dos quadros vivos. (C4)

Assim como tempo passou, com a evolução da humanidade, com transformação da sociedade, mudou-se também a concepção religiosa dos Quadros Vivos. O que antes era uma efervescência da fé, hoje, mostra-se mais técnica para aqueles que aturaram até o século passado. Para C2, C3 e C4, as encenações parecem não ter mais a magia, a sensibilidade envolvida por seus percussores: os franciscanos, no entanto os “Quadros vivos” continuam sendo apresentados e deixam transparecer uma interpretação, pois não há sentido sem interpretação, e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar.

Os “Quadros Vivos” representam a memória da igreja, a teatralidade e as performances a memória dos atores. A simbologia dos mesmos não se configura em si mesmas.

Foi a partir do dia em que perdi um sobrinho por suicídio. Um momento que me lembro muito bem, foi que na encenação da Santa Ceia, sabe quando você adentra ao ser, ao seu ser e aquilo que você faz de fato é muito puro, muito santo, isso aconteceu comigo, no momento da Santa Ceia, no momento que eu pego o pão, a lua maravilhosa, aquela lua grande, aí é que me toquei da seriedade do trabalho, que talvez eu não fosse digno de estar ali representando Jesus. Nesse momento é que caiu o pano, que eu não era digno, que eu era humano como qualquer um. Naquele momento com aquela lua dourado, eu falando a fala de Jesus, aí eu me toquei, é muito forte, é muito sério. Desvesti-me da vaidade, hoje eu não sei se teria coragem. A partir daí, foi um grande aprendizado, cada passo dado na via sacra, eu perdia perdão por meus pecados. Quando eu estava na cruz lá em cima que eu vi a imensidão, que eu vi os gerais muito grande, aquele povo demonstrando aquela fé contrita, as doninhas chorando, eu chorei na cruz, eu perdi perdão pelo momento de fraqueza de meu sobrinho que cometera suicídio.

Passei a ver a Semana Santa de outra forma, a questão do interpretar Jesus. A gente não pode e não deve ser um ator, a gente tem que ser sobretudo gente. A partir disso eu passei a pensar diferente, eu passei a compartilhar as encenações com o povo. (C 2)

Fazer o papel do Mestre é ser influenciado pelo exemplo do homem justo, deve ser exemplo para todos. Na sexta-feira, quando a gente está crucificado é uma emoção impressionante, nossa a gente chega, aqui, até arrepiar. (C4)
Inexplicável... Sem palavras... Uma emoção e um privilégio poder representar o FILHO DE DEUS (C5)

As performances apresentadas na memória não são vazias, encenações da Paixão e Morte de Jesus representadas pelos autores eram momentos mágicos vividos, eram demonstração de fé, de respeito, de emoção. homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história. Representaram com intensidade, procuraram fazer com que expectadores se reportassem para o momento real que antecedeu sofrimento de Cristo e para o momento de sua morte.

CONSIDERAÇÕES

Este estudo teve como objetivo registrar as memórias de atores que encenaram o papel de Cristo, suas percepções sobre a teatralidade, performances nos “Quadros Vivos” apresentados no período da Semana Santa de Corinto – MG. Assim como saber sobre quando tiveram início, com quem e as contribuições para a cultura da cidade.

A problemática apresentada, que contribuiu para se desenvolver esta pesquisa foi respondida e possibilitou registrar-se aqui um pouco da cultura de Corinto, desconhecida por muitos, cidade interior de Minas Gerais, pois não se encontra escritos sobre tal.

Os chamados “Quadros Vivos”, são encenações da Paixão e Morte de Cristo baseados em quadros que ornamentam as Igrejas como firmação da memória, da fé e da crença de fieis católicos para fieis de todas outras religiões existentes na cidade.

Não-se tem uma data precisa de seu início, porém, depois de analisada as memórias dos entrevistados que fizeram o papel de Cristo, estimamos que tenha mais de século, visto que o segundo ator a fazer interpretação do Mestre ainda vive e completará 103 anos de idade em 2019.

Durante as narrativas de suas memórias, percebe-se, por parte dos que atuantes mais velhos, a nostalgia de quando encenaram, e certa não aceitação pelas mudanças sugeridas

pelos padres diocesanos, contudo concordam, tanto os mais velhos, quanto os mais novos, que os “Quadros Vivos” fazem parte da cultura, tornaram-se a identidade da cidade, mesmo que menos conhecidos hoje. Esmeram para sua continuidade e por mantê-los vivos como memória da Paixão e Morte de Jesus Cristo.

Teatralidade e performances de atores que num misto entre divino e humano procuram tocar, sensibilizar a população para refletir sobre seus atos e para a necessidade da religiosidade. É uma forma de dar continuidade ao catequismo por meio dos evangelhos e do sofrimento de Cristo a crentes de todas as religiões.

Esta pesquisa foi uma forma de valorizar e agradecer aos que já atuaram e as que atuam nos “Quadros Vivos” encantando, doutrinando, entretendo desde crianças a idosos. Pretendeu-se ainda, fazê-los conhecidos, tirá-los da indiferença, do anonimato total como é um dos objetivos da história oral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Alcione. Et al. Proposta de leitura do mundo através da Narrativa Dramática. Editora Argus. 1ª Edição. Rio de Janeiro. 2006.

BERTHOLD, Margot. Historia Mundial do Teatro . São Paulo: Perspectiva, 2010.

BOURDIEU, P (Coord.) A miséria do Mundo. Petrópolis, Vozes, 1997.

BRASIL, <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/corinto.pdf>

CASTRO, Celso. Apresentação. In: CASTRO, Celso. Evolucionismo cultural, textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. ISBN 85-7110-857-9 Retirado de: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3438847/mod_resource/content/4/CASTRO-Celso_Evolucionismo-Cultural.pdf. Acesso em: 20 jun 2018

COSTA Cléria Botelho, Contar Histórias: Uma Forma De Reconhecimento Do Outro, **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais** – Vol. 11, Ano XI, Nº ISSN: 1807-6971, 2014 – Disponível em www.revistafenix.pro.br – Acesso em 10-06-2018

FÉRAL, J. Além dos limites: teoria e prática do teatro. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FREITAS, Victor Figueira de. Perfis e Briguelas – da linha e à margem da Central. Gráfica de Belo Horizonte, 1953.

http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/volume001_Num001_artigo004.pdf

GONÇALVES <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14676/11144>

ROSA, J. G. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

LIMA, Raimundo. O campo da Garça de João Tavares da Rocha a Ursulino Lima (História de Corinto), 1º Volume, 232 p. Edições Cuatibara. Belo Horizonte. 1998.

IBGE: SANTOS, Joviano G. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Volume XXIV ano 1958 http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/LETR-95PNBJ/santos_joviano_g..pdf?sequence=1

LUZ, <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/viewFile/10220/8004>

PAIVA, João Cirino de. Crônicas História de Corinto. Projeto Cristo Rei. 1º Volume. 368 p. Editora Gráfica Literatura Ltda. Belo Horizonte. 2006

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PMSB CORINTO, Plano Municipal de Saneamento Básico de Corinto. 2014.

SILVA, Giselda Shirley da; GONÇALVES, Maria Célia da Silva. ILVA, Vandeir José da; Histórias e Memórias: Experiências Compartilhadas Em João Pinheiro . João Pinheiro Patrimônio Cultural de João Pinheiro, 2011

SILVA, Rubens Alves da, Entre Artes e Ciências: A Noção de Performance e Drama no campo das Ciências Sociais in Horizontes Antropológicos. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 2005.

THOMPSON, Paul A voz do passado: história oral. 3. ed. São Paulo, 2002.

Villarinho MV. [Historia Oral e Memórias: Contribuições na Pesquisa Historica em Enfermagem e Saúde]. Hist enferm Rev eletrônica [Internet]. 2017;8(2):67-8. Retirado de <http://here.abennacional.org.br/here/v8/n2/a01a.pdf>. Acesso em 25-02 2019